



FERNAND BRAUDEL

Uma profissão de fé pelo tempo de longa duração comunista

Danilo Chaves Nakamura¹

O texto *História e ciências sociais: A longa duração*, publicado em 1958 na famosa revista dos *Annales*, revela uma preocupação prática do historiador Fernand Braudel, que desejava que as ciências sociais cessassem de discutir suas fronteiras e passassem a discutir as linhas gerais que pudessem orientar um programa de pesquisa coletiva. Braudel, pessoalmente, professava sua fé na ideia de longa duração. Sem ser dogmático, ele buscava abrir um diálogo para conhecer “quais seriam aquelas [ideias] que os outros especialistas proporiam” (BRAUDEL, F. 2007, p. 77).

Por que essa preocupação em criar um programa de pesquisa comum? Para além da busca de uma análise totalizante que Fernand Braudel certamente intentava, creio que devemos apontar para um cenário social e intelectual bastante amplo. No fim da Segunda Guerra Mundial, as ciências sociais (sociologia, antropologia, demografia, psicologia e outras) passaram a ganhar um grande destaque nas universidades europeias, nas agendas das agências internacionais vinculadas a Organização das Nações Unidas e nos inúmeros centros de pesquisas de sociologia que foram inaugurados.² Para François Dosse, a racionalização do Estado de Bem-Estar exigia o domínio de dados econômicos e sociais (DOSSE, F. 1992, p. 106). Era também o período do domínio do estruturalismo, que contra a dialética histórica e contra o primado da práxis humana, buscou

1. Graduado em História pela Universidade de São Paulo. Atualmente participa do programa de pós-graduação em história social da Universidade de São Paulo e é professor de história na rede municipal de São Paulo. Endereço eletrônico: danchaves.nakamura@gmail.com
2. Segundo Braudel, era preciso estudar os “monstros políticos do tempo presente: China, Índia, Rússia, América Latina, Estados Unidos” (BRAUDEL, F. 2007, 43).

na linguística de Saussure o objetivo das ciências humanas. Levou às últimas consequências a ideia de que os fenômenos sociais se constituem a revelia dos sujeitos e são, portanto, inconscientes (mito, episteme, inconsciente estrutural etc.).³ Nesse contexto, os historiadores pareciam menos aptos para responderem as demandas sociais da época.

Essa fuga do imediato empreendido pela ciência pode ser explicada pelo clima de contestação da racionalidade ocidental. Tracemos um paralelo para entender o constrangimento que a experiência histórica desempenhava na cabeça dos intelectuais ocidentais da época. Braudel, quando esteve no cativeiro nazista, “procurou escapar à crônica desses anos difíceis”. Recusou o tempo curto para se “colocar à margem”, ao abrigo do tempo muito longo (BRAUDEL, F. 2007, p. 71-72).⁴

Em outras palavras, o trabalho do “historiador” Braudel de interpretar o Mediterrâneo numa temporalidade lenta, era também um subterfúgio para o “homem” Braudel que vivia tempos difíceis. Nas palavras dele, era preciso “deter-se, considerar tudo de novo e reconstruir, ver tudo girar a volta” (ibidem, p. 72). Pois bem, lembremos que a Europa passou por um intenso momento de autocritica depois dos horrores da Segunda Guerra Mundial.

Para completar, em 1956, Nikita Khrutchev denunciou os crimes da ditadura stalinista no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, colocando um fim as esperanças emancipatórias de muitas pessoas. “O inferno já não é mais os outros”, dizia Sartre, “mas o próprio eu”. Isso “exigia uma fuga da história ocidental” e permitia os intelectuais encontrarem nas estruturas sociais dos bororós ou dos nhambiquaras a expressão do berço purificado da humanidade (DOSSE, F. 2007, p.15).

É nesse cenário social e intelectual que Braudel procurou defender a história diante das ciências sociais “imperialistas” e sustentou uma verdadeira profissão de fé pela ideia de tempo de longa duração. Profissão de fé, porque dentre os trabalhos historiográficos da época, Braudel tinha poucos exemplos para se apoiar. No entanto, segundo Michel Vovelle, ele podia basear-se em sua própria prática *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II* (VOVELLE, M. 2001, p. 65).

3. O estruturalismo suscitou um verdadeiro entusiasmo coletivo de toda *intelligentsia* francesa durante pelo menos duas décadas. Aplicado a todos os campos do saber: linguística, antropologia, sociologia, filosofia, psicanálise, crítica literária etc. Alçou para o destaque uma série de nomes: Claude Lévi-Strauss, Louis Althusser, Roland Barthes, Michel Foucault e outros.

4. Braudel foi capturado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

Contra o “imperialismo” das ciências sociais que se especializavam na mesma medida em que negligenciavam o diálogo com a história, Fernand Braudel buscou afirmar o “federalismo” da sua prática científica, uma vez que para ele a duração temporal condiciona todas as ciências sociais a dialogar com história. Nas palavras do autor: “(...) não se esqueça de uma última linguagem, uma última família de modelos, para falar a verdade: a redução necessária de toda realidade social ao espaço/tempo que ela ocupa” (BRAUDEL, F. 2007, p. 77). Para sustentar sua posição, Braudel apresentou dois tipos de crítica. Uma crítica interna a ciência histórica e uma crítica externa dirigida as outras ciências sociais.⁵

Crítica interna – a afirmação de um tempo “quase” estacionário

No nível da crítica interna, o autor procurou apontar para a fragilidade da história tradicional, que por mais de um século preocupou-se em demasia pelo tempo breve, pelo indivíduo e pelo evento. Braudel dá razão aos sociólogos que tem horror aos fatos miúdos (um incêndio, uma catástrofe ferroviária, o preço do trigo, um crime, uma representação teatral, uma inundação), pois para ele também: “o tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganadora das durações” (Ibidem, p. 46). Parêntese importante, o tempo curto, para filósofos como Benedetto Croce e Jean Paul Sartre era algo importante e sintomático para se apreender uma realidade (eventos dariam testemunhos de movimentos muito profundos). “Um jogo inteligente e perigoso”, escreveu Fernand Braudel.

Aos poucos, disse Braudel, os historiadores perceberam que uma curva de preço, uma progressão demográfica, o movimento dos salários, as variações da taxa de juro, o estudo da produção ou uma análise precisa da circulação precisavam de medidas mais amplas. A conjuntura passou a aparecer como uma “nova forma de narrativa histórica” (Ibidem, p. 47). Esse tempo novo, Ernest Labrousse confirmou por meio de excelentes trabalhos. Para Braudel, o passo seguinte deveria conduzir para um tempo ainda mais amplo, à longa duração. Mas Labrousse preferiu costurar a história “cíclica” com a história “curta”. Disse Braudel sobre Labrousse: “Sua comunicação ao congresso Internacional de Paris, em 1948, *Comment naissent les révolutions?*”, se esforça em ligar, desta vez um patetismo econômico de

5. Charles Victor Langlois e Charles Seignobos, dois grandes historiadores franceses que foram muito criticados pela “nova história”, utilizavam os termos crítica externa [*Critique externe ou critique d'érudition*] e crítica interna [*Critique interne*] para demonstrarem um método e, nas palavras deles, as condições gerais para construção do conhecimento histórico. Braudel, que fazia parte da geração de historiadores que iniciou uma crítica sistemática historicismo e o positivismo - escolas em que Langlois e Seignobos são comumente incluídos – tinha grande admiração pelo trabalho desses dois historiadores.

curta duração a um patetismo político, o dos dias revolucionários” (Ibidem, p. 49). Para Braudel, Labrousse perdeu a oportunidade de avançar ainda mais na explicação histórica. Deixou de avançar para a estrutura, que para os historiadores significa uma articulação, uma arquitetura, uma relação bastante fixa (como para as outras ciências), porém, mais ainda, uma realidade que o tempo utiliza mal e veicula mui longamente. “Pensai na dificuldade em quebrar certos limites da produtividade, até mesmo, estas ou aquelas coerções espirituais: os quadros mentais também são prisões de longa duração” (Ibidem, p. 50).

O exemplo mais acessível dessa estrutura, ou melhor, dessa realidade de longa duração é a geografia. Em *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Filipe II*, Braudel demonstrou como os atos humanos estão inexoravelmente presos ao meio natural, uma realidade que apresenta movimentos regulares que escapam a consciência e o seu domínio absoluto. Em *Gramática das Civilizações*, temos um inventário das dificuldades que o espaço geográfico apresenta para as sociedades humanas. Sem cair num determinismo estreito, Braudel afirmou que o meio não explica tudo, mas representa um grande papel, na forma de vantagens dadas ou adquiridas. Por exemplo, as *civilizações fluviais* do Velho Mundo floresceram ao longo dos rios: Amarelo, Indo, Eufrates, Tigre. Do mesmo modo, as *civilizações talassocráticas* se desenvolveram como filhas do mar: Fenícia, Grécia, Roma e etc. (BRAUDEL, 2004, p. 32).

Essa crítica à história tradicional e a busca por elementos mais duradouros, repetitivos, permanentes e estáveis já era uma preocupação da história dos *Annales* desde a sua fundação. Mas diante das ameaças das ciências sociais e do estruturalismo, Braudel e os historiadores de sua época precisaram ampliar os objetos históricos passíveis de serem analisados na longa duração. Para além da geografia, Braudel cita a cultura, a mentalidade, as técnicas de trabalho, a economia etc. Para ele, um programa de estudos que visasse à totalidade não poderia escapar a ideia de duração longa, de profundidade e semi-imobilidade.

Crítica externa – uma crítica aos modelos que desprezam o tempo

A antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss é certamente o principal alvo que Fernand Braudel visou para abrir uma discussão sobre estrutura e história. A sociologia de Georges Gurvitch, que já tinha sido alvo das críticas de Braudel no texto *Georges Gurvitch et la discontinuité du social* de 1953, lançado também na revista dos *Annales*, foi novamente atacada. E o marxismo - visto com ressalvas - serviu como “aliado” diante das ciências sociais que buscavam negar a historicidade das realidades sociais.

Como se sabe, Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss foram intelectuais muito próximos no início de suas carreiras. Jean Maugüe, professor de filosofia, falava que na década de 30, a relação entre Braudel e Lévi-Strauss podia ser medida pelo clima de rivalidade. Braudel não hesitava em ironizar as pretensões científicas dos etnólogos, que seriam incapazes de resolver uma simples equação algébrica (DOSSE, F. 1992, p. 108). Claude Lévi-Strauss, por sua vez, afirmava que o historiador permanece no plano empírico e do observável, ou seja, incapaz de ter acesso às estruturas profundas da sociedade (Ibidem, 109). Rivalidade que ambos parecem assumir “Mas não sejamos injustos; há um interesse nessas querelas e nessas recusas. (...) negar outrem, já é conhecê-lo”, afirmou Braudel. (BRAUDEL, 2007, p. 44). “Em 1960, a história e a etnologia (...) estavam, se me atrevo a dizer, em competição para captar as atenções do público”, declarou Strauss (LÉVI-STRAUSS, C. 1988, p. 96).

No texto *História e ciências sociais: A longa duração*, Braudel embora sem provocações simplistas em relação à etnologia, procurou questionar os sistemas e modelos que negligenciam o tempo histórico ou a capacidade de entender a realidade em sua profundidade através de análises históricas. Lembremos que em 1958, Lévi-Strauss tinha acabado de lançar seu livro *Anthropologie structurale*, lá ele afirmava que história e etnologia “se distinguem, sobretudo, pela escolha de perspectivas complementares: a história organizando seus dados em relação às expressões conscientes, a etnologia em relação às condições inconscientes da vida social” (LÉVI-STRAUSS, C. 1967, p.34). Braudel argumenta também contra as ambições imperialistas que a antropologia estrutural buscava desempenhar na época. No mesmo livro que acabamos de citar, Lévi-Strauss enuncia uma ambição hegemônica da antropologia estrutural no campo do saber acerca do homem: “Abre-se o caminho para uma antropologia concebida como teoria geral das relações” (Ibidem, p. 110).

Braudel faz uma interessante discussão sobre os modelos, ou ainda, sobre os novos instrumentos de conhecimento e investigação que permitem o cientista social formular hipóteses e sistemas de explicação. Seguindo a distinção de Claude Lévi-Strauss, Braudel diz que, esses sistemas de explicação podem ser simples ou complexos, qualitativos ou quantitativos, estáticos ou dinâmicos, mecânicos ou estatísticos, ou seja, “variam ao infinito segundo o temperamento, o calculo ou alvo dos utilizadores” (BRAUDEL, F. 2007, p. 61). Ele afirma estar bem pouco preocupado com a discutível distinção de Lévi-Strauss sobre o modelo mecânico (para realidades de pequena dimensão) e o modelo estatístico (para realidades de grandes dimensões, onde o calculo das médias se impõe), para ele o

importante seria o confronto dos modelos com a ideia de duração, “pois da duração que implicam dependem bastante estreitamente, a meu ver, a respectiva significação e o valor de explicação” (Ibidem, p. 62).

O exemplo que Braudel dá para explicar como um modelo deveria ser validado pela duração, é retirado de trabalhos de historiadores. A ideia de capitalismo comercial trabalhado no seu livro sobre o Mediterrâneo, afirma Braudel, foi um modelo retirado da obra de Marx. A partir dele, Braudel pode explicar um ciclo de desenvolvimento econômico no Mediterrâneo (comércio, “indústria”, banco). Ele cita também o trabalho do historiador Sigmund Diamond, que viu na linguagem da classe dominante dos grandes financistas contemporâneos a J. P. Morgan, a reação habitual a toda classe dominante que sente seu prestígio atingido e seus privilégios ameaçados; “para se mascarar, precisa confundir sua sorte com a da Nação, seu interesse particular com o interesse público” (ibidem, p. 63). Os modelos históricos demonstrariam a dinâmica de todas as estruturas e seriam capazes de percorrer séculos. Caso avance para uma análise de longa duração, o modelo consegue por “em causa realidades mais precisas, mais estreitas” (Ibidem, p. 63).

Apesar desses exemplos, Braudel percebe que os trabalhos históricos que buscam esses modelos ainda são poucos, se comparados às ambiciosas e avançadas pesquisas das outras ciências (que se aproximam dos estudos linguísticos e das matemáticas qualitativas). Novamente o exemplo de Braudel é Lévi-Strauss, que desenvolveu sua antropologia estrutural muito próximo da linguística de Saussure, que em 1916 havia desenvolvido uma teoria que tinha como objetivo estudar os sistemas formais da língua.

Uma língua, para Saussure, é um sistema fechado de formas em mútua oposição e não um conjunto de conteúdos, de noções ou significações. Ou seja, um signo não tira sua significação da relação com o objeto que ele representa, mas de sua oposição com outros signos (DOSSE, F. 2007, p. 12).⁶ Depois disso bem explicado, Braudel faz um paralelo entre história e linguística. A primeira está presa na armadilha do evento e a segunda presa na armadilha das palavras. No entanto, a segunda foi libertada pela revolução fonológica. “Aquém da palavra ela apegou-se ao esquema de som que é o fonema, indiferente, por conseguinte, a seu sentido, mas atenta a seu lugar, aos sons que a acompanham, aos agrupamentos desses sons, às estruturas infrafonêmicas, à toda realidade subjacente, inconsciente da língua” (BRAUDEL, F. 2007, p. 66).

6. Saussure diferencia língua (sistema preexistente ao uso que fazemos dela) e fala (uma relação particular e histórica que fazemos da língua).

Claude Lévi-Strauss estendeu o estruturalismo linguístico para as estruturas elementares de parentesco, aos mitos, ao cerimonial, às trocas econômicas. Buscou, assim como na linguística, o apoio da matemática para construir modelos que devem provar a validade e a estabilidade do sistema. O intuito do estudioso é “ultrapassar a superfície da observação para atingir a zona dos elementos inconscientes e depois reduzir essa realidade em elementos menores, em toques finos, idênticos, cujas relações possam ser precisamente analisadas”.

Assim, Lévi-Strauss reduzirá os mitos a *mitemas*, os gostos (da linguagem culinária) a *gustemas*. Braudel ironiza: “(...) Essas relações simples e misteriosas, a última palavra da pesquisa sociológica, seria apreendê-las sob todas as linguagens, para traduzi-las em alfabeto Morse, quero dizer, a universal linguagem matemática? (...) Mas posso dizer, sem sorrir, que essa é uma outra história” (Ibidem, p. 67-68).⁷ Para o historiador era necessário pensar a duração, “porque mais significativos ainda que as estruturas profundas da vida, são seus pontos de ruptura, sua brusca ou lenta deterioração sob o efeito de pressões contraditórias” (Ibidem, p. 68). Assim sendo, para ele, os modelos apoiados na matemática qualitativa só darão provas de seu valor quando houverem abordado uma sociedade moderna, seus problemas emaranhados, suas diferentes velocidades de vida. Em resumo, Braudel afirma que, a antropologia de Lévi-Strauss, para se confirmar como método, não pode ficar escondida na longuíssima duração, ao abrigo dos acidentes. Ao contrário, para dar conta da totalidade social, ela precisa enfrentar “o jogo múltiplo da vida, todos os seus movimentos, todas as suas durações, todas as suas rupturas, todas as suas variações” (Ibidem, p. 71).

Depois desses fortes questionamentos à antropologia estrutural de Claude Lévi-Strauss, Braudel procura discutir o tempo da sociologia, que “repugna à estrutura profunda de nossa profissão” (Ibidem, p. 73). Para ele, os sociólogos estão muito mais próximos da concepção de tempo de Gaston Bachelard, onde “o tempo é simplesmente uma dimensão particular de determinada realidade social

7. Muitos comentaristas aproximaram a antropologia de Lévi-Strauss à filosofia kantiana. Pensamento humano estaria vinculado a categorias apriorísticas. Claude Lefort criticou o cientificismo do programa de Lévi-Strauss e a sua crença numa realidade mais profunda, subjacente à realidade matemática. Ele identifica os vestígios do idealismo kantiano para o qual o inconsciente significaria a consciência transcendental, e revela-se pelas expressões de “categoria inconsciente” e de “categoria do pensamento coletivo”. Para Lefort, o comportamento dos sujeitos empíricos não se deduz de uma consciência transcendental, mas pelo contrário, constitui-se na experiência. VER: LEFORT, C. *L'échange et la lutte des hommes*. Les temps modernes, 1951. VER: DOSSE, F. *Uma forma de kantismo*. In: História do estruturalismo. Bauru - São Paulo: EDUSC, 2007, p. 64-65

que contemplo”, e não uma “medida” como é para os historiadores e economistas. Só para melhor entendimento dessas palavras de Braudel, lembremos que a teoria bachelardiana concebe a ideia de “corte epistemológico” como ruptura no desenvolvimento histórico. Segundo ele, entre a ciência do presente (teoria da relatividade) e a ciência do passado (física newtoniana) não existiria continuidade, mas sim uma “drástica ruptura”. E, portanto, a história das ciências deveria ser analisada separada da história da humanidade (SCHIMIDT, A. 1977, p. 130-131). Com esse tempo que se molda de acordo com os objetos, dirá Braudel, Georges Gurvitch pode inventar múltiplas temporalidades: o tempo ilusão de óptica, o tempo surpresa, o tempo de pulsação irregular, o tempo cíclico, o tempo em atraso sobre si próprio, o tempo de alternância entre atraso e avanço, o tempo explosivo (BRAUDEL, 2007, p. 74). O tempo é o último a chegar e se adapta segundo os “patamares”, as sociabilidades, os grupos ou as sociedades globais.

Antes de concluir, Braudel procura dialogar com o marxismo, a primeira teoria a fabricar modelos sociais a partir da longa duração histórica. No entanto, Braudel critica a transformação do modelo em valor de lei, a uma explicação prévia, automática e aplicável a todas as sociedades. E critica também um marxismo muito próximo das ciências sociais apaixonada pelo modelo no estado puro (Ibidem, p. 76). Aqui podemos arriscar dar nomes aos marxismos que Braudel está apontando. O primeiro se trata do marxismo oficial dos Partidos Comunistas, que se transformou em ideologia. O segundo, também dentro do Partido Comunista, está vinculado ao marxismo estruturalista que teve como principal expoente o filósofo Louis Althusser, que anos depois da advertência de Braudel lançou uma obra coletiva que fez época: *Lire le Capital*.

Diga-se de passagem, Friedrich Engels – no prefácio de 1895 para o texto *As lutas de classes na França*, de Karl Marx – fez algumas considerações sobre análises de curta e longa duração que permitem um diálogo bastante frutífero com as ideias de Fernand Braudel. Para ele, ao escrever sobre os acontecimentos contemporâneos, é impossível acompanhar dia após dia o passo da indústria, portanto, “nunca teremos condições de retroceder até a última causa econômica” (ENGELS, F. 2012, p. 9). Assim sendo, “a visão panorâmica clara sobre a história econômica de determinado período nunca será simultânea, só podendo ser obtida a posteriori, após a compilação e a verificação do material” (Ibidem, p. 10). Engels aqui explicita o método de pesquisa e de apresentação dos resultados para uma análise materialista da história. Embora com intenções e num contexto histórico bastante distinto, podemos perceber porque Braudel via o marxismo como um aliado tático na sua tentativa de afirmar o tempo de longa duração como uma proposta de diálogo entre as ciências humanas.

Enfim, podemos dizer que Braudel no texto sobre a longa duração, além de apresentar uma instigante discussão sobre os ritmos das temporalidades históricas (estrutura, conjuntura e acontecimento), oferece - ao apresentar suas críticas às ciências sociais em crise - um amplo panorama da história social e intelectual da segunda metade do século XX. Em resumo, um momento histórico onde as ciências especializavam-se em demasia e, mesmo respondendo ao espírito da época, elas corriam o risco de fragmentarem-se e de perderem completamente o diálogo com a história (enquanto ciência). Para responder a essa crise, Braudel sustenta a necessidade de confrontar os modelos sociológicos aos ritmos da duração temporal. E insiste na necessidade de pensar as variações, as mudanças e as rupturas previstas nas relações humanas. Mas até que ponto uma história - que afirma que os acontecimentos são apenas “agitações das ondas”, “turbilhão de areia”, “fogos de artifício” e que defende que “temos [dos homens] apenas a cabeça fora d água” - leva essas palavras às últimas conseqüências?⁸

Bibliografia

BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais. A longa duração*. In: Escritos sobre a história. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 41-78.

_____, *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ENGELS, Friedrich. *Prefácio de 1895*. In: As lutas de classes na França. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 9-31.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A noção de estrutura em etnologia*. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976, p. 7-50.

_____, *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

DOSSE, François. *A história em migalhas – dos Annales à nova história*. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora Unicamp, 1992.

_____, *História do estruturalismo*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2006.

MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

VOLVELLE, Michel. *A história e a longa duração*. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 68-97.

8. Em 1968, Braudel diz que o movimento social desvalorizou a noção de trabalho, os valores morais e levou à infelicidade, pois “não se pode ser feliz a não ser sob uma redoma, com valores estabelecidos”. Para Dosse: A longa duração braudeliana e suas invariantes aqui aparecem claramente como são: uma leitura de nossa história que permite exorcizar todo risco de mudança, pois é através de sua relação com o presente que o historiador utiliza tal ou tal prisma que lhe permite recuperar o passado (DOSSE, F. 1992, p. 122-123).